

NOTAS

UMA REFLEXÃO SOBRE O LUGAR DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA GRADE CURRICULAR DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO

Jussara Rocha Ferreira*

FERREIRA, J.R. Uma reflexão sobre o lugar da Extensão Universitária na grade curricular dos cursos de graduação. *Arg. Apadec*, 9(2):55-60, 2005.

RESUMO. Apresentamos um relato temporal, onde, durante uma década na prática pedagógica acadêmica, incluímos ações de Extensão Universitária para motivar docentes, técnicos, monitores, bolsistas de pesquisa e alunos de graduação a praticarem a Extensão indissociada do Ensino e da Pesquisa. Utilizamos coleções universitárias, pesquisas de campo, interação Ciência-Arte em diversos projetos, objetivando diminuir o tempo entre a produção e a apropriação do Saber produzido para as camadas sociais menos privilegiadas, de forma que isto fosse bom para a vida das pessoas e pudesse contribuir para a sua inserção na sociedade contemporânea através da educação científica, que não só teve o objetivo de mostrar ao sujeito as vantagens da educação tecnológica como ajudá-lo, sobretudo, a criticar do ponto de vista ético o “modelo ou processo” civilizatório contemporâneo, do qual ele é um dos atores.

PALAVRAS CHAVES: Ensino Extensivo; democratização do Saber; educação científica; Educação e Ética.

FERREIRA, J.R. An insight about the place of university extension in the curricula of graduation courses. *Arg. Apadec*, 9(2):55-60, 2005.

ABSTRACT. We present here a temporal report about a decade during which we included actions of university extension to motivate professors, technicians, monitors, research fellows and graduate students to practice extension closely linked to teaching and research. We used university collections, field research, and science/art interaction in several projects to decrease the time between knowledge production and knowledge spreading to the less privileged social layers. This would be good for people and could contribute to their insertion in the society through scientific education. The project not only has shown the advantages of technologic education, but also helped the individuals to ethically criticize the contemporary “model or process” of which they are one of the actors.

KEY WORDS: Extensive Education; democratization of known; scientific education; Education and Ethics.

INTRODUÇÃO

O processo sócio-histórico-educacional brasileiro sustenta uma política de ensino superior elitista, excludente e globalizadora. Gerações após gerações de educadores cientistas, homens, mulheres adolescentes e crianças têm reivindicado o direito de cidadania de acesso ao conhecimento, ao lazer, aos programas de atenção à saúde, ao uso das tecnologias e das inovações tecnológicas, que possam garantir-lhes melhor qualidade de vida,

inserindo-os na sociedade contemporânea. Recentemente a Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação tratando das Diretrizes Curriculares para os Cursos de Graduação colocou entre os seus princípios:

“(...) Fortalecer a articulação da teoria com a prática, valorizando a pesquisa individual e coletiva, assim como os estágios e a participação em atividades de extensão, as

*Professora Titular de Anatomia aposentada. Depto. de Morfologia ICB/UFG. Rua 111, 250, Setor Sul. 74085-130 – Goiânia – GO.

quais poderão ser incluídas como parte da carga horária. (...)”.

Colocando o problema da extensão como prática acadêmica REIS (1997) interpretou que esta suposta indissociabilidade ao Ensino e à Pesquisa é uma questão remota às origens do ensino superior no Brasil:

“(...) universidade forma sem levar em conta da demanda da sociedade civil (...)” e outra fase onde “(...) a concepção de universidade forma simultaneamente e em parceria político-pedagógica com a sociedade (...)”.

SOUZA (1995), por sua vez, recapitulou que, já na década de trinta (1932), aconteceu o manifesto dos pioneiros da Escola Nova que preconizava uma tríplice função para a “produção/difusão” do conhecimento: investigação = a Ciência; docente ou transmissora de conhecimento = Ciência feita; vulgarizadora ou popularizadora = Extensão, Ciências e Artes.

Na progressão histórica, a Extensão foi definida pelo PROEC (1997a,b) como:

“(...) .Extensão é o processo educativo cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a Universidade e a Sociedade (...)”

Fórum este que apresentou seus pressupostos teóricos: a) Educação dimensão sócio-histórica da realidade que se expressa como prática mediadora das relações sociais, depositária de seus conflitos e contradições; b) Universidade: academia onde se constrói e difunde o conhecimento e se investiga a realidade e propõe formas de equacionamento, numa sociedade desigual excludente e autoritária; c) Construção da cidadania: compreende a formação para o exercício de um conjunto de direitos e responsabilidades sociais, econômicas, políticas e culturais.

Observando o problema da Extensão, tão bem delineada por aqueles que têm a responsabilidade ética para fazê-la presente e atuante na sociedade, nos vimos diante de um grande desafio – fazer a Extensão acontecer como parte integrante de cada disciplina da grade curricular proposta nos cursos de graduação de Instituições de Ensino Superior nos quais trabalhamos. Neste sentido, propusemo-nos a relatar algumas experiências da vivência acadêmica, onde a Extensão, predominantemente justaposta, não indissociada, portanto processual orgânica e emergente (REIS, 1997), foi a prática acadêmica

utilizada e transformada em ações pelas equipes executoras de cada proposta.

Nesta reflexão fizemos uma análise documental de ações de Ensino Extensivo que realizamos frente a grupos sociais na última década na Universidade Federal de Goiás.

DESENVOLVIMENTO

A nossa especialidade, Ciências Morfológicas (área de concentração em Anatomia), não tem habitualmente a característica de publicar ou divulgar suas ações de Ensino Extensivo, mesmo que, muitas vezes, interessantes ou inovadoras. Nesse sentido, procuramos nestes últimos anos não só divulgar essas ações em eventos da área, como colocá-las em revistas que circulem, preferencialmente, entre professores de Ensino Fundamental, Médio e Superior.

Nessa resenha histórica, enumeramos alguns projetos, seus objetivos, conclusões e veículos de comunicação, que foram desenvolvidos na Universidade Federal de Goiás, Campus de Goiânia e Campus Avançado de Jataí (Quadro 1).

Neste quadro retratamos as ações das equipes de trabalho nestes dez anos, discriminado arenas e autores. Na prática extensiva com alunos do curso de Enfermagem, verificamos como a Anatomia contribui na consulta em Saúde Pública. Trabalhamos com alunos* do curso de Biologia, modalidade licenciatura, os conteúdos específicos sobre o corpo humano, que foram utilizados em programas de Ensino Fundamental. Utilizamos o museu anatômico como forma de interagir com a comunidade. As coleções universitárias serviram para mostrar as características constitucionais dos diversos grupos de animais, além de contribuir com tópicos em educação ambiental. Trouxemos, para o espaço universitário do Campus Avançado de Jataí, os alunos de escolas de Ensino Fundamental e Médio com poucos recursos laboratoriais, de modo que eles puderam usar a estrutura universitária como forma de complementação de seus estudos. Utilizamos as Artes Cênicas para fixar a aprendizagem dos alunos de graduação e transferir o conhecimento adquirido para o público local em peças teatrais. Expusemos as coleções universitárias no Museu Histórico da cidade de Jataí, GO, para visitação pública, procurando fomentar o interesse pela Pesquisa e Educação Ambiental. Colaboramos com projetos institucionais de Extensão, divulgando a presença e a importância das Ciências Morfológicas na vida das pessoas no Campus de Goiânia, atendendo a comunidade regional.

Todas as ações desenvolvidas no Campus Avançado de Jataí fizeram parte de atividades curriculares dos alunos de graduação e foram computadas como carga horária nos cursos de Biologia e Educação Física. As ações desenvolvidas no Campus da capital

fizeram parte de Projetos de Extensão, alguns de grupos de Ensino e Pesquisa e outros de Projetos Institucionais.

Quadro 1. Relação de atividades de ensino extensivo orientadas e executadas entre 1991 e 2001 em Instituições de Ensino Superior da Região Centro-Oeste do Brasil, apresentadas ao público e divulgadas em eventos e revistas científicas, contemplando o tipo do projeto, tema, veículo de divulgação, ano e autores. Goiânia, GO.

TIPO DE PROJETO	TEMA DO PROJETO	VEÍCULO DE DIVULGAÇÃO	ANO	AUTORES
Dissertação mestrado	Contribuição ao ensino de anatomia na formação do enfermeiro – um estudo direcionado à prática em saúde pública na consulta pré-natal	XI Congresso Panamericano de Anatomia. Mérida, Venezuela. Dissertação apresentada à Escola de Enfermagem Anna Nery da UFRJ. Rio de Janeiro, Brasil	1989 1991	Abreu, O.L.; Ferreira, J.R.
Projeto de ensino extensivo na graduação	O ensino do corpo humano programado nos cursos de licenciatura.	XI Congresso Panamericano de Anatomia. Mérida, Venezuela.	1995	Ferreira, J.R.; Paiva, N.F.P.;
		<i>Arquivos da Apadec</i> , Maringá, PR, Brasil.	1998	Faria, E.P.; Moraes, L.K.; Lemos, L.
Projeto institucional de extensão	Universidade da vida – Universidade do saber, programa de Integração	XI Congresso Panamericano de Anatomia. Mérida, Venezuela.	1995	Ferreira, J.R.;
		<i>Arquivos da Apadec</i> , Maringá, PR, Brasil	1988	Luiz, C.R.
Projeto institucional de acervo interativo	O papel educativo do Museu Didático	Apresentação no museu de Anatomia do Departamento de Morfologia. ICB/UFG.	1990 a 1993	Ferreira, J.R.; Luiz, C.R.; Da Mata, J.R.;
		<i>Arquivos de Ciências da Saúde da Unipar</i> , Umuarama, PR, Brasil.	1999	Miranda, D.F.; Carneiro, L.B.
Projeto de ensino extensivo na graduação	Aprender praticando anatomia comparativa – Programa integrado de ensino extensivo à alunos do ensino fundamental e médio.	Atendimento a colégios no Campus Avançado de Jataí da UFG. Jataí, GO, Brasil.	1988	Ferreira, J.R.; Silva, R.A.; Peres, C.R.G.;
		<i>Arquivos da Apadec</i> , Maringá, PR, Brasil.	2000	Silva, L.D.
Projeto de ensino lúdico na graduação	O ensino de anatomia através das artes cênicas	Apresentação de peça teatral no teatro da cidade de Jataí, GO.	1997 1998	Silva, R.A.
Projeto de ensino lúdico na graduação	Teatro anatômico: pequeno príncipe em uma viagem fantástica.	<i>Arquivos da Apadec</i> , Maringá, PR, Brasil	2000	Ferreira, J.R.; Silva, R.A.; Rocha, L.M.; Silva, M.L.E.
Projeto de coleção itinerante para exposições e feiras de ciências	Coleção de animais silvestres, fauna de cerrado no sudoeste goiano, o impacto em educação ambiental	Exposição no Museu Histórico da cidade de Jataí, GO.	1998	Resende, A.L.; Ferreira, J.R.;
		<i>Arquivos da Apadec</i> , Maringá, PR, Brasil.	2001	Kloss, D.F.M.; Nogueira, D.J.; Assis, J.B.
Projeto institucional de extensão	Extensão ou assistencialismo – arena e atores dos projetos institucionais de extensão da UFG.	Projetos Institucionais de Extensão: a cidade vai a UFG e Conhecendo a UFG.	1996-2000	Sousa, N.B.; Damata, J.R.; Ferreira, J.R.;
		<i>Arquivos da Apadec</i> , Maringá, PR, Brasil.	2001	Oliveira, K. M.; Nogueira, D.J.

COMENTÁRIOS E CONCLUSÕES

Após participar de tantas ações, nossa indagação inicial levou-nos a compreender que havia algo de errado na forma da “Extensão” que praticávamos. Hoje sabemos a resposta para isto, porque durante os projetos nos quais trabalhamos indagamos a nós mesmos: o que fizemos?; a que propósito atendemos?; a que finalidade se destinaram? (ABREU, 1991; FERREIRA, 1998; FERREIRA & LUIZ, 1998; FERREIRA et al., 1999 e 2000,ab; RESENDE et al. 2001; SOUSA et al., 2001).

Nessa ocasião, foi absolutamente indispensável: examinar-se a si mesmo; emergir da animalidade; tentar dominar todos os centros individuais do poder que nos circundavam e promover uma ampla movimentação individual que se somou ao coletivo no rumo do legítimo bem, na tentativa de popularizar o conhecimento a partir do grupo que o detinha estancado.

Observamos este Brasil grande, em tamanho, em riquezas, em biodiversidade, em desigualdades sócio-culturais e ficou muito claro para nós que será necessário, urgente e inadiável incluir a extensão na grade curricular de cada disciplina. É lá o seu lugar, todos os técnicos, estudantes e docentes terão de praticá-la. Cada estudante de graduação tem de vivenciar na prática de cada conteúdo o significado de se estudar este conteúdo. Mais do que isto terá de assumir o compromisso social e moral de avançar para além dos muros ou grades ou jardins da sua IES e levar ao povo este conhecimento em linguagem popularizada. Não confundir popularizar com mediatizar ou banalizar. Popularizar no sentido de nos colocarmos como “parte” do povo que somos e que um dia também sonhou em ter acesso ao conhecimento, ao ensino técnico, profissionalizante e superior, sonhou e conseguiu. Algo neste processo deve ter contribuído para que alguns recebessem, como parte, o benefício do todo. Acreditamos que através da Extensão como prática acadêmica indissociada do Ensino seja possível acelerar este processo de inclusão da maioria das partes (sujeitos) que estão à margem do acesso dos benefícios do todo (da sociedade). A prioridade do ensino não é repassar conhecimento, segundo CONSOLARO (2001), é algo mais abrangente e nós sentimos isto nestes dez anos de experiência, encarando a Extensão como um processo de valor igual ao do Ensino e da Pesquisa na formação dos futuros profissionais que contribuimos para diplomar, com a visão mais abrangente possível, porém mostrando-lhes que a simplicidade das ações acelera muito a caminhada. É preciso crer, fazer e ser um dos que

somam.

Este final de século nos convida a refletir sobre os avanços do pólo químico, nem sempre acompanhado pelo estudo e preparo técnico dos resíduos produzidos; sobre o surgimento do trabalhismo no Brasil que a partir da era Vargas implicaria em conquistas sociais; sobre o social e as ditaduras governamentais; sobre a distância entre as leis e suas práticas em uma sociedade estratificada, múltipla e pluralista; sobre os anos setenta e o modelo de desenvolvimento sem auto-sustentação; sobre as conseqüências destes e de outros aspectos que geraram desigualdades, estratificações sociais, perda de capacidade, da massa trabalhadora, de negociação com o poder econômico; sobre a globalização e seu real significado nos países em desenvolvimento.

Como foi rico e produtivo este final de século! Somamos experiências das mais diversas e podemos, hoje, entender a pluralidade cultural brasileira, que quer dizer a “afirmação da diversidade” como um traço fundamental na construção de uma “identidade nacional”. A humanidade, de todos, se manifesta de forma concreta e diversa de “ser humano”. Trabalhar esta diversidade significa ampliação dos horizontes e abertura para a consciência da realidade na qual vivemos. Acreditamos que a característica sócio-cultural desta nação é ser diferente sim, expressão de um dinamismo cultural próprio, que se expande hoje para além de nossas fronteiras (RIBEIRO, 1995). Os pessimistas têm dito que esta pluralidade nos atrapalhou, atrasou, incomodou. Nós preferimos a visão otimista que enxergou esta pluralidade como dinâmica e que pode ser encarada como “benéfica e estimuladora de valores universais” (BRASIL, 1998), tanto que faz parte da proposta educacional brasileira considerar esta pluralidade.

Voltemos à Extensão e ao ensino extensivo e aos mecanismos de apropriação do conhecimento, tantos já apontaram caminhos (REIS, 1997; PROEC, 1997 a e b; KOFF et al., 1999; GRIZZI, 1997; FERREIRA & LUIZ, 1998; FERREIRA et al., 2000; FERREIRA et al., 1999) valerá a pena ouvi-los e avaliar suas experiências?

De nossa parte podemos afirmar que todos os projetos dos quais participamos e vivenciamos e que relatamos nesta oportunidade, não só formaram profissionais melhores, mais envolvidos, mais combativos, mais humanos, como também mais felizes como pessoas.

Apesar da política neoliberal imposta pelo FMI e aceita por governos ainda “não tão livres pela recente prática democrática”, e continuada pela

situação de nossas instituições em fase crítica por falta de investimentos, apesar dos conflitos gerados em razão do rápido desenvolvimento, seremos capazes de nos conduzir nesta chamada sociedade de informação? Sociedade esta que explora os instintos e as emoções do ser humano em função do poder econômico de uns tão poucos? Mas, poderemos diminuir o impacto da “domesticação humana”? Acreditamos que sim. A extensão como prática pedagógica de ensino pode acelerar a distância do tempo entre o conhecimento produzido e o conhecimento apropriado pelo cidadão.

Já somamos quantos somos? Todos os docentes das I.E.S., os alunos de graduação, pós-graduação e os técnicos? Todos na rua, cada um na sua. Mostrando a importância e o valor de cada conteúdo, a importância de saber usar as novas tecnologias, estar aberto para as inovações e mudanças, o que fazer de bom com isto ou aquilo. Passar conceitos, procedimentos éticos, técnicos, morais, filosóficos e até sagrados através do convívio extramuro da extensão. A interação com a comunidade contribui para que cada profissional, antes e, sobretudo, se torne um educador cidadão um profissional socialmente ativo, em todos os cursos de todas as áreas. Chegamos até a acreditar que o ensino e a aprendizagem de temas que servem a todos para a aquisição de valores e mudanças de atitudes devem estar relacionados com uma característica dos primatas: o comportamento corporativo, cuja aprendizagem, ao imitar, estimula os reflexos, dos três cérebros: o instintivo, o emocional e o interpretativo, aludidos por PRADA (1998). Este último nos libertará das amarras. Quantos somos? Vamos construir juntos, sim, um futuro melhor! Ser professor: eis a questão. É importante nos libertarmos, para a renovação da sociedade, permanentemente em mudanças... (CAMARGO, 1991), estendendo a educação para todos e para sempre, contribuindo na construção da auto-estima coletiva através da auto-ajuda coletiva.

Se for considerado que três partes das vagas do ensino superior estão no setor privado em muitas escolas novas, e, portanto, com pouca estrutura para pesquisa científica, estamos admitindo que a maioria dos nossos jovens sairá sem deter a chamada educação científica? A extensão é possível em qualquer contexto é só estabelecer prioridades no planejamento e organização de projetos pedagógicos inovadores. No Campus Avançado de Jataí trabalhamos com dez por cento (10%) da carga horária em programas de ensino extensivo. Isto significou que de cada 100 alunos, a sociedade recebeu 1000 (mil) horas de atendimento destes

graduandos, que se comportaram como multiplicadores/popularizadores do conhecimento. Mas, podemos afirmar que, mais do que transferir o Saber, estes jovens conferiram “in locu” o contexto social, a pobreza e a riqueza, as facilidades e as dificuldades, o poder e os poderosos, os oprimidos, os lúcidos os loucos. Destes alunos, ouvimos muitos depoimentos que nos motivaram a continuar apostando que haverá um dia em que todos farão extensão universitária para aprender que ao popularizar o conhecimento, conheceremos a parte (o indivíduo) e o todo (a sociedade) e talvez sejamos capazes de refletir sobre os programas que temos pensado para re-educar adolescentes entre 12 e 25 anos, sobre os quais CAMARGO (1999 e 2000) comentou: “que eles lutam pela sua identidade e relação diferenciada com o mundo dos adultos, que dimensionam mal o limite e o poder”. A tendência grupal dos jovens referida por ABERASTURY e KNOVEL (1989) se refletiu nas ações de extensão que partilhamos com os estudantes universitários. Eles se envolvem com os outros jovens, entram no mundo destes e procuram ajudá-los a abrir caminhos. ARAÚJO et al. (2003) relatando uma experiência de ensino extensivo deixaram isto muito claro. Acreditamos como REIS (1997) que a única forma possível de chamar a “extensão” de “extensão” é definitivamente vinculá-la ao ensino e à pesquisa com o mesmo grau de importância. Quem tiver coragem de fazê-lo relatará, “... depois... aí sim, o ensino superior poderá dizer que de fato veio para fazer diferença para todos os humanos, e como consequência, o todo e a natureza, colherão os benefícios.”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. Adolescência normal. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. 92p.
- ABREU, O.L. *Contribuição ao ensino de anatomia da formação do enfermeiro – um estudo direcionado à prática de enfermagem em saúde pública na consulta pré-natal*. 1991. 211p. Dissertação (Mestrado), Escola Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1991.
- ARAÚJO, E.J.A.; FERREIRA, J.R.; NASCIMENTO, D.S.; NASCIMENTO, M.O. I EXPOBIO, uma estratégia de saída para situações de perigo eminente na coletividade: a exclusão social. *Arq. Apadec*, 7(1):12-17, 2003.
- BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclo: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF. 1998. p.115-165.
- CAMARGO, J.S. Adolescência ou aborrescência: eis a questão. *Arq. Apadec*, 3(2):9-13, 1999.
- _____. Pais e professores a beira de um ataque de

- nervos: entre o limite e o poder. *Arq. Apadec*, 4(2):60-64, 2000.
- FERREIRA, J.R. Ensinando ao contrário. *Arq. Cienc. Saúde Unipar*, 2(3):257-268, 1998.
- FERREIRA, J.R.; LUIZ, C.R. Universidade da vida – Universidade do saber, programa de integração. *Arq. Apadec*, 2(2):63-67, 1998.
- FERREIRA, J.R.; LUIZ, C.R.; DA MATA, J.R.; MIRANDA, D.F.; CARNEIRO, L.B. O papel educativo do museu didático. *Arq. Cienc. Saúde Unipar*, 3(2):131-137, 1999.
- FERREIRA, J.R.; SILVA, R.A.; PERES, C.R.G.; SILVA, L.D. Aprender praticando anatomia comparada – Programa integrado de ensino extensivo a alunos do ensino fundamental e médio. *Arq. Apadec*, 4(2):65-73, 2000.
- GRIZZI, L. Integração do ensino de graduação com a pós-graduação. In: SEMINÁRIO NACIONAL DO ENSINO DA MEDICINA VETERINÁRIA, 6., 1997, Recife. Anais... Recife, 1997. p.83-90.
- KOFF, E.D.; OKUDA, M.M.; OKUDA, M.Y. Dimensões da aprendizagem. *Ensaio Oral Pol. Publ. Ede. Rio de Janeiro*, 7(23):129-144, 1999.
- PRADA, I.L.S. *A questão espiritual dos animais*. São Paulo: Fe Editora Jornalística Ltda., 1998. 112p.
- PROEC. Política de extensão da UFG. *Revista de Extensão Universitária*, 1(3):16-18, 1997a.
- PROEC. Projetos Interdisciplinares, interinstitucionais e instrucionais. *Revista de extensão Universitária*, 1(1):28, 1997b.
- REIS, R.H. A extensão como prática acadêmica e sua indissociabilidade ao ensino e a pesquisa. *Revista de Extensão Universitária*, 1(3):43-45, 1997.
- SOUSA, N.B.; DA-MATA, J.R.; OLIVEIRA, K.M.; NOGUEIRA, D.J.; FERREIRA, J.R. Extensão ou Assitencialismo? Arena e atores dos programas institucionais de extensão em anatomia da Universidade Federal de Goiás. *Arq. Apadec*, 5(2):40-46, 2001.
- RIBEIRO, D. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 476p.
- RESENDE, A.L.; FERREIRA, J.R.; KLOSS, D.F.M.; NOGUEIRA, D.J.; ASSIS, J.B. Coleção de animais silvestres, fauna do cerrado no sudoeste goiano – o impacto em educação ambiental. *Arq. Apadec*, 6(1):35-41, 2002.

Recebido em: 12.11.04
Aceito em: 20.04.05